



# Contos em fios

*A Feminina Arte de Fiar e Tecer*

12

RECONTOS

Ana Maria de Andrade

ARTISTAS

Alexandre Heberte

Elaine Ramos

Elma Coutinho

Dora Assumpção

Leila Borges

Lucia Werneck

Maria Cecilia F. de Paula

Marilia d'Albuquerque

Marinette F. Glória

Paula Gama

Rossana Cilento

Silviane Lopes

**TEXTO:** Ana Maria de Andrade

**CURADORIA E COORDENAÇÃO EDITORIAL:** Silviane Lopes

**APRESENTAÇÃO:** Cristina Villaça

**ILUSTRAÇÕES:** Rossana Cilento, Maria Cecilia F. de Paula, Silviane Lopes, Alexandre Heberte, Leila Borges, Marília d'Albuquerque, Dora Assumpção, Paula Gama, Elaine Ramos, Elma Coutinho, Lucia Werneck e Marinette F. Glória.

**REVISÃO:** Flávia Savary, Cristina Villaça e Estela de Andrade

**PROJETO GRÁFICO:** Roberto Renner

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Ana Maria de  
Contos em fios [livro eletrônico] : A feminina  
arte de fiar e tecer / Ana Maria de Andrade. -- 1.  
ed. -- Rio de Janeiro : Instituto AMA Leitura, 2021.  
PDF

ISBN 978-65-993683-4-9

1. Contos brasileiros I. Título.

21-74542

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Aos artesãos dos fios e das palavras de todos os tempos. Sem eles não seria possível os mitos ancestrais chegarem até aqui.

À minha avó, Rosina, e aos meus pais, Carminha e Lino, contadores de histórias da minha infância. Suas vozes despertaram em mim o amor pelos livros.

Às minhas filhas, Estela e Isabela, e ao meu neto, Mathias. São vocês que me dão os fios para criar os melhores bordados.

Ao meu amor, Paulo. Companheiro de todas as histórias.

A todas as mulheres que amam, riem, choram e, com sabedoria, tecem seus caminhos de luz.

*A. M. A.*



## Sumário

CONTOS EM FIOS A Feminina Arte de Fiar e Tecer

APRESENTAÇÃO Cristina Villaça *05*

INTRODUÇÃO Ana Maria de Andrade *09*

- |                           |                            |
|---------------------------|----------------------------|
| ● MULHER ARANHA <i>15</i> | ● MÃE MARIA <i>69</i>      |
| ● SIRIANE <i>23</i>       | ● FRIGGA <i>78</i>         |
| ● LALEN KUZÉ <i>32</i>    | ● FÁTIMA <i>87</i>         |
| ● ANANSI <i>41</i>        | ● LEIZU <i>96</i>          |
| ● PENÉLOPE <i>51</i>      | ● A JOVEM TSURU <i>104</i> |
| ● AS MOIRAS <i>60</i>     | ● DEUSA UTTU <i>113</i>    |

AGRADECIMENTOS Silviane Lopes *122*


# Apresentação

## NAS ENTRELINHAS DO TECIDO

A arte de contar histórias e a arte de fabricar tecidos sempre estiveram entrelaçadas. No passado, o movimento ritmado dos teares e a cadência das palavras narradas se mesclavam, tornando mais leves as longas jornadas de labor e suor. Trabalhando compassadamente enquanto ouviam histórias, os artesãos produziam e compartilhavam experiências, tornando o ambiente das oficinas repletos de sabedoria e esperança.

Na década de 1930, o filósofo Walter Benjamin<sup>1</sup> notou, com nostalgia, que a arte de contar tornava-se cada vez mais rara. Observou que os melhores narradores estavam nas oficinas de outrora, que, àquela altura, devido ao desenvolvimento industrial, encontravam-se quase em desuso. Várias décadas depois, vemos ressurgir justamente a arte de contar e a arte de tecer. A virada para o século XXI fez com que algumas pessoas desacelerassem o frenesi de suas vidas e buscassem satisfação em coisas simples e belas.

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter. *A arte de contar histórias*. Editora Hedra, São Paulo, 2018.



É tempo de retomar antigas tradições.

E é nesse tempo que encontramos *Contos em fios*. Justo quando o mundo para. Justo quando nos deparamos com a urgente necessidade de sossegar, olhar para dentro, pensar nas coisas que realmente são importantes e, mais que tudo, enxergar o outro como parte de um todo ao qual também pertencemos. É tempo de empatia, solidariedade e, sobretudo, muita calma.

*Contos em fios* reúne doze narrativas míticas recontadas com a delicadeza e a maestria de quem sabe que os textos literários são urdidos não só com palavras, mas também com sorrisos e lágrimas. Entrelaçadas a elas, doze telas igualmente sensíveis e delicadas, fruto de quem reconhece que a verdadeira sofisticação está na simplicidade.

As histórias desta coletânea são provenientes das mitologias de doze povos ancestrais. As mitologias compreendem uma série de enredos mágicos que tentam explicar os mistérios da natureza, o princípio das coisas, a gênese de tudo o que é desconhecido.

As doze protagonistas desenhadas aqui são mulheres que, de alguma maneira, se encontram com a tecelagem.:

Na urdidura dos mitos escolhidos, uma linhagem de tecelãs que tecem suas histórias. Como o fio de Ariadne, o fio condutor desses mitos é o feminino. O feminino que nos liberta de labirintos interiores. O feminino presente em todos nós, homens e mulheres, filhos da Terra, a Grande-Mãe geradora da vida. Este projeto foi criado a partir de uma parceria entre homens e mulheres, encontros e reencontros que resultam em um tecido de maravilhas.

É com prazer que arremato esta confabulação lembrando o laço linguístico que existe entre as palavras *texto* e *tecido*. Elas são irmãs, provêm da mesma raiz etimológica. Ambas resultam do latim: *texere*, o verbo, que significa tecer, e o substantivo *textus*, aquilo que é tecido. Assim também tecer e contar são ações que se irmanam. Ao criar sua arte, tanto o artesão das linhas, como o artífice das palavras reproduzem, em seus *textus*, representações da essência humana. Tecer e contar são, ao mesmo tempo, meditação e ação, reflexão e criação.

Apreciar este trabalho é viajar a bordo de um tecido mágico composto por palavras e fios, como o tapete voador dos contos das mil e uma noites. É passear por outras culturas e, simultaneamente, penetrar em um planeta mais que íntimo, o próprio *eu*.

É no alinhavo do texto e no vai-e-vem das navetes que se encontra o mais puro encantamento: a arte de tecer a vida.

*Cristina Villaca*

Cristina Villaca é professora, escritora e narradora de histórias. Tem mestrado em Literatura Brasileira e especialização em Literatura Infantil e Juvenil, como também em Arteterapia. É graduada em Letras, Português/Literatura. Alguns de seus doze livros foram escolhidos para programas de leitura do governo. Recebeu os selos Cátedra UNESCO de Leitura e o Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Dois de seus livros constam no Catálogo da Feira do Livro de Bologna (FNLIJ). *Maria João*, seu mais recente trabalho, está entre os dez finalistas do Prêmio Barco a Vapor 2021. Conta histórias em escolas, teatros, bibliotecas e eventos literários desde 1990.

[@cristinavillaca](https://www.instagram.com/cristinavillaca)



# *Introdução*

Este livro começou a ser escrito durante a pandemia que assolou o nosso mundo. A proposta para participar do projeto chegou no dia do meu aniversário, em outubro de 2020. Um verdadeiro presente da querida amiga e escritora talentosa, Flávia Savary. Com o seu olhar sensível, Flávia me apresentou a Silviane Lopes. A sua proposta encantadora me desafiava a recontar doze mitos ancestrais com linguagem para leitores jovens e adultos.

O projeto me conquistou “à primeira vista”, logo que conheci Silviane e seu ateliê mágico, com teares e trabalhos maravilhosos! A ideia de entremear as histórias com a tecelagem já era, por si só, tentadora! Ilustrar os recontos com a arte dos alunos e alguns amigos da Silviane foi a “flechada” final. Fiquei completamente apaixonada.

A arte feita com as mãos, sem qualquer interferência das máquinas, sempre esteve presente em minha vida. Aprendi desde cedo a fazer, ao invés de comprar. Consertar, ao invés de descartar. Reaproveitar, ao invés de consumir o novo.

Nasci em uma família de artesãos, fato este que despertou a paixão por técnicas manuais e que marca presença em todos os meus trabalhos como ilustradora de livros infantis.

Minha avó paterna, Rosa, trabalhou na fabricação têxtil durante anos, na pequena cidade de Santo Tirso, em Portugal. Manuseava teares gigantes, se comparados com a sua estatura pequena. Com a vinda para o Brasil, na década de 50, afastou-se da vida operária, mas deixou o seu legado: trabalhos lindos em crochê, feitos com tramas difíceis, as quais exigiam agulhas finíssimas, muita concentração e paciência.

Minha avó materna, Rosina, filha de imigrantes italianos, foi habilidosa com as agulhas. Dava aulas de crochê, tricô, bordado e costura. O projeto social do qual fazia parte tinha como objetivo profissionalizar meninas das comunidades carentes de Santa Teresa, bairro histórico do Rio de Janeiro. Naturalmente, minha mãe herdou as mesmas habilidades que continuaram a ser transmitidas de geração a geração. Hoje, com alegria imensa, vejo uma das minhas filhas, Estela, destacar-se nas técnicas do macramê e do crochê, e empreender a marca própria.

Portanto, falar de tecelagem, fios, novelos, tramas, carretéis e bordados, é falar de mim mesma. Desde os seis anos, tinha a minha caixinha de costura com agulhas, linhas coloridas, tesoura, bastidores e dedal. Todos estes momentos de aprendizado eram animados por muitas histórias. Os anos passaram. E tornei-me uma artesã das palavras.

O projeto “Contos em fios” veio como um afago, em meio ao isolamento social imposto a todos nós. Após a seleção dos contos, cuidadosamente garimpados pela Silviane, mergulhei em uma pesquisa intensa que durou seis meses. Observei que todos os mitos apresentavam uma personagem feminina, pois, nas civilizações mais antigas, a arte de tecer era praticada essencialmente por mulheres. Assim veio a proposta de modificar os títulos originais dos contos para dar destaque aos nomes das personagens: doze mulheres ou seres híbridos, como “Mulher Aranha” e “Anansi”, que são capazes de adquirir diferentes formas, sejam elas femininas ou masculinas. Consegui me encontrar em cada uma dessas mulheres e seres, pois reconheci em mim um pouco de cada um deles.

Para provocar no leitor o mesmo sentimento de familiaridade, busquei reescrever os contos com traços do pensamento da mulher do nosso século. Embora sejam mitos ancestrais, todos falam de nós: seres humanos com sonhos, desejos, anseios, medos, vaidades, dores e alegrias. Com este propósito, as personagens foram inseridas em contextos fictícios que, no entanto, preservam a estrutura original dos contos. A essência de cada mito foi mantida, porém com a licença poética que é permitida ao autor. Em “Frigga”, a primeira parte da narrativa trata-se de um reconto, no qual a deusa é apresentada ao leitor. A segunda parte é autoral, quando Frigga auxilia as mulheres a encontrarem a própria voz diante da sociedade patriarcal na qual viviam. Em “Lalen Kuzé” e “Fátima”, finais inesperados libertam as personagens do sofrimento e exaltam a força feminina.

Vale lembrar também que existem muitas versões para os textos aqui apresentados. Os relatos diferem conforme o local e as tradições orais. Foram destacados os mais populares. Em alguns, como “Mulher Aranha”, as diferentes versões foram mescladas para dar ao leitor uma visão mais ampla desta personagem mitológica presente em várias culturas.

Em “Deusa Uttu”, duas personagens da cultura suméria se encontram. A deusa Uttu, ser mitológico, e a poetisa e sacerdotisa, Enheduana, que, de fato, viveu em 2.300 a.C., na cidade de Ur, na Mesopotâmia.

Ao final, os textos se uniram aos trabalhos de doze artistas incríveis. E assim, a muitas mãos, este livro nasceu. Para completar a alegria, Cristina Villaça, querida amiga e escritora que tanto admiro, aceitou o convite para elaborar o texto de apresentação, o qual nos leva a reflexões valiosas sobre o nosso tempo.

*Cristina Villaça*  
Tanto quanto eu, espero que o leitor viaje através de “Contos em fios”. Uma viagem sem volta e sem fim, que nos conduz ao encontro de nós mesmos.

*Ana Maria de Andrade*



*Ana Maria de Andrade*

Ana Maria de Andrade é escritora, jornalista, professora, arte-educadora e ilustradora, especialista em Educação, Comunicação e Gestão. Dedicou-se à literatura desde 2003 e tem vários títulos publicados por diversas editoras. Coordena projetos de incentivo à leitura, formação de agentes de leitura e contadores de histórias. Alguns dos seus trabalhos receberam prêmios e reconhecimentos importantes, dentre eles o “Troféu Tiradentes 2016”, Academia Teresopolitana de Letras, da qual tornou-se Acadêmica em 2020, sendo eleita para a cadeira patronímica Machado de Assis.

[www.anamariadeandrade.com](http://www.anamariadeandrade.com)

The image features a collection of embroidery floss in various colors including orange, yellow, green, and white. A prominent feature is a spider-shaped embroidery on a light-colored fabric, with its legs extending outwards. The spider's body is detailed with a grid-like pattern. The floss is arranged in a way that suggests it is being used for or displayed in a craft project. The text 'Mulher Aranha' is overlaid in a black, cursive font on the central part of the image.

*Mulher Aranha*



Era o tempo onde só havia o vazio e a escuridão, quando tudo era silêncio e mistério. Na paz do inexistente, pulsava uma energia invisível, emanada por poderes divinos. Carregada de sabedoria sem limites, ela estava em toda parte. Sua força feminina possuía as possibilidades de vida dentro de si. Leve como o ar, passeava livre no tempo e o conhecimento do Universo lhe pertencia. Era única e solitária, pois não havia nada mais ao seu redor...

Chamada pelo Deus Sol, recebeu o poder para dar vida ao mundo. Com sua criatividade e capacidade de ver o futuro, teria que criar todas as coisas. Então tomou para si a forma de uma grande aranha. Seria a Mãe de Tudo. Com a sua fertilidade criativa, faria nascer os seres vivos e não vivos. E assim se fez.

As imagens do mundo surgiam em sua mente, uma a uma, e seus pensamentos seriam criados na matéria que recebera do Deus Sol para que cumprisse a sua missão. A Aranha Mulher, feita em luz, começou o seu trabalho tecendo cuidadosamente dois fios prateados.







Com o primeiro, ligou o espaço de leste a oeste. Com o segundo, uniu o norte ao sul. Assim estava definida a estrada por onde todos os seres haveriam de caminhar. Estariam conectados no mesmo espaço. O que um deles fizesse afetaria o outro, pois estavam ligados pela mesma força cósmica.

Sozinha e concentrada, a Mulher Aranha cantava para executar com precisão o seu trabalho minucioso. Embalada pelo som da própria voz, criou a Lua, as estrelas e o movimento dos planetas. Ao som da melodia, os astros dançariam juntos no mesmo compasso, em perfeita harmonia. Um dos planetas receberia cuidado especial. Nele colocaria os fios mais bonitos. Em tons verdes, carmins e alaranjados, teceu as plantas e as florestas, os pássaros e os animais. Para as pedras, os rios e os mares, usou azuis, rosados e marrons. Chamaria Terra e seria habitado por seres semelhantes aos deuses.

Quando em seu pensamento vieram os seres humanos, decidiu usar o barro como matéria. Seria a criação mais difícil.





Com suas patas ágeis e firmes, a generosa Grande Mãe modelou-os. Mas não bastava criar os humanos em suas formas físicas, era preciso que eles se completassem em suas forças vitais. Então imprimiu em sua obra as energias masculinas e femininas, assim se tornariam tão férteis como ela própria e teriam o livre-arbítrio para se multiplicarem. Quando se unissem, povoariam a Terra com infinitas cores.

Para que seus filhos homens e mulheres pudessem receber a sua sabedoria espiritual, a Mulher Aranha gerou sentimentos de amor e criou fios transparentes presos às suas cabeças. Para cada um deles criou o pensamento individual, assim todos também possuiriam forças criativas e continuariam a sua obra. Iria ensiná-los que a maneira como pensassem determinaria qual seria a sua criação. Para ajudá-los, estaria sempre presente, sussurrando seu conhecimento no ouvido daqueles que estivessem dispostos a compreender a sua voz e ler os seus sinais.

Feito isso, pensou em todas as mulheres do mundo. Decidiu que ensinaria a elas a sua arte.





Mostrou como fiar a lã, tingir e tecer, para que fizessem agasalhos e sobrevivessem ao inverno. Também lhes ensinou como trançar a palha dos cestos e modelar a cerâmica dos potes. Para protegerem-se, aprenderiam a tecer fios brilhantes como as aranhas e fariam teias nas janelas das moradas. O vento levaria até elas as penas brancas das pombas. Essas teias, com um pequeno furo no centro, deixariam passar somente os bons sonhos. Afastariam as energias ruins, os maus espíritos e os pesadelos. Aos homens, ela ensinou como plantar e cuidar da terra. Quando pensou nas crianças, criou a alegre ciranda dos dias e das noites e deu-lhes a sabedoria para reconstruírem o mundo sempre que preciso fosse.

Depois que todos os pensamentos foram criados, a Deusa da Terra, resolveu dar nome às coisas e criou as palavras. Para tudo que inventou, um nome surgiu. As mulheres anciãs aprenderiam a ler e daria a elas o dom de serem as guardiãs ancestrais das linguagens e das letras. Os alfabetos seriam formados por linhas geométricas e ângulos inspirados na sagrada geometria da sua teia.





A língua seria capaz de gerar vida e as palavras teriam o poder de processar mudanças no Universo. Somente as avós teriam esta consciência.

Por fim, a tecelã sagrada, protetora de todas as criaturas, se recolheu ao centro da Grande Teia da Vida e descansou, tornando-se invisível outra vez. Porém, antes de adormecer, confiou a algumas mulheres que guardassem o seu segredo. Essas mulheres mortais seriam fontes de energia e assumiriam funções sagradas. Estariam eternamente conectadas a ela, obedecendo-a como ser supremo, lembrando-se sempre de que o pensamento é o começo da criação e a criação é o motivo da ação. E assim se criou o mundo...

Em todos os cantos, as sábias mulheres Hopi ouvem a Mãe Terra, são velhas como o tempo e jovens como a eternidade. Vivem simultaneamente o passado, o presente e o futuro. Compreendem que na Teia de Luz estão unidas todas as galáxias com seus mundos, povos e verdades. E cada ser é parte do grande mistério.



POVO HOPI  
AMÉRICA DO NORTE

Atualmente, o povo Hopi vive em uma  
das reservas criadas no final  
do séc. XIX e início do XX,  
na costa do Pacífico, que compreende  
o norte do Arizona e parte do Novo México.

**ROSSANA CILENTO**

Artista convidada

[@rossanaccilento](https://www.instagram.com/rossanaccilento)

MULHER ARANHA

Tear circular, bordado e costura  
Tecido cetim, arco MDF, fios de algodão,  
poliamida, lã, poliéster e metalizado  
25cm diâmetro





*Siriane*



Era noite de Lua nova na mata. Os homens preparavam seus arcos e flechas para caçar os bichos, que também começavam a sair das tocas em busca de alimento. Mulheres e crianças se aqueciam ao redor do fogo e o rio seguia sereno e morno, rodeado de mistérios. Em meio à calmaria da aldeia, sem que ninguém notasse, Siriane desceu ao igarapé para encher de água o pote de barro. A bela moça não sabia que sua vida estava prestes a mudar para sempre...

Seus passos delicados e corajosos, na escuridão e no silêncio da noite, eram guiados pelo céu estrelado e pela música das águas. Uma força invisível a atraía para o rio... Já bem longe da maloca, ao pisar nas areias finas, Siriane encontrou o seu destino. Mal podia acreditar no que via, bem na sua frente! Era a Tumuyã, a cobra jiboia, força e proteção do seu povo! Com muito medo, se escondeu entre os arbustos e, paralisada, observou o enorme animal que brilhava na beira d'água. As escamas lisas e cintilantes tinham desenhos que encantavam o seu olhar. Eram linhas curvas e retas, manchas e pontos, que formavam um labirinto de magia e beleza.







Sem perceber, seus olhos se aproximavam, cada vez mais admirados e destemidos. Quando deram por si, estavam iluminados de emoção, bem ao lado da Tumuyã.

O ser mágico também a olhava com admiração. Rodeou-a, lentamente. Sentiu o perfume doce de tucumã dos seus cabelos e, com um movimento mais rápido que o vento, transformou-se em um rapaz forte, com a pele cobre tatuada com os desenhos da jiboia. Assustada e trêmula, Siriane ouviu sua voz sussurrada: “Por que me olha assim?”, perguntou ele. Ainda sem acreditar nos próprios olhos e ouvidos, ela respondeu: “Seu corpo desenhado é bonito e me encanta!”. E confessou um pouco envergonhada que desejava aprender a fazer aqueles desenhos tão lindos, o Kene, para enfeitar a sua rede e as roupas do seu marido.

Tumuyã logo aceitou realizar o seu desejo. Mas havia duas condições. A primeira: não poderia ter medo, pois para ensiná-la era preciso virar cobra e ficariam bem próximos um do outro.





A segunda: teria que ensinar o que aprendesse para todas as mulheres da aldeia. Ansiosa por saber desenhar, Siriane aceitou as condições e Tumuyã voltou à sua forma animal. Rastejando, alcançou os seus pés e enroscou-se por suas pernas até chegar perto da sua cabeça. Acalentados pela natureza, permaneceram abraçados por um momento de eternidade.

Siriane sentia a sabedoria ancestral da Tumuyã penetrar no seu pensamento. As imagens dos desenhos apareciam como sonhos, circulavam no seu sangue e no ar que respirava. A mata, os seres e os conhecimentos milenares da floresta rodopiavam em seu coração. Seu corpo voava para outros mundos. O ontem, o hoje e o amanhã se uniam em um só tempo e os desenhos iam e vinham em sua mente. Quando o canto do uirapuru a despertou, percebeu que a cobra já havia se soltado dos seus braços e mergulhado nas profundezas do rio. Yacy dava passagem ao Sol... Ainda um pouco tonta, Siriane voltou à aldeia, com pegadas mansas, para não ser vista.





Assim que amanheceu, cumpriu a promessa que fizera. Reuniu as mulheres e começou a ensinar todos os desenhos que aprendera. A beleza da pele da jiboia era reproduzida no trançado dos fios do algodão, que elas mesmas plantavam na roça, colhiam e tingiam com as cores vibrantes das cascas das árvores e dos frutos colhidos na mata. Toda Gente Verdadeira, como era chamado o seu povo, se encantava com os trabalhos das tecelãs. Mas para Siriane, ainda era pouco. E seu coração pedia mais... Não conseguia esquecer da Tumuyã. Sempre que estava sozinha, descia ao igarapé para encontrar-se com o Senhor do Kene, enroscar-se ao seu corpo e aprender novos grafismos. Todos os ensinamentos eram levados para a aldeia e, com o tempo, os afazeres da casa já não traziam alegria para sua vida. Seu pensamento inteiro estava no Kene e nos fios coloridos que corriam entre seus dedos.

Enquanto trabalhavam, as ainbu keneya, mulheres mais velhas do povo, entoavam as cantigas de cipó.





Seu canto pedia ajuda aos guardiões da natureza e às sábias aranhas, com quem haviam aprendido a arte de tecer. Inspiravam-se na melodia dos japiins e em seus ninhos trançados com galhos e folhas. Quanto mais cantavam, mais recebiam dos seus ancestrais a paciência e a habilidade que precisavam para trançar os fios. Teciam pulseiras, colares, vestidos, túnicas, mantas e redes. O Kene também era pintado nos rostos e nos objetos. E todas se perguntavam: “Como Siriane conhece tantos desenhos?”. E ela respondia: “Aprendo com os sonhos!”. Não duvidavam da sua palavra, mas a riqueza da sua imaginação acabou por despertar curiosidade e cobiça. Uma das mulheres desconfiou que a moça guardava algum segredo e resolveu espia-la.

Em uma noite, a mulher a viu descendo para o igarapé. Seguiu-a e descobriu o que escondia... Siriane e Tumuyã estavam entrelaçados, em silêncio, como se dormissem um sono profundo. Certa de que havia algo errado no que descobrira, a mulher achou que deveria contar ao marido da bela jovem sobre as noites de Lua escura e as idas ao igarapé. Sem saber, a mulher tramava um triste desfecho.





Na noite seguinte, o marido se despediu de Siriane, fingindo que nada sabia, e saiu como de costume para caçar na mata.

Pouco tempo depois, voltou e escondeu-se entre as árvores, à espera da sua amada sair da maloca. Seguiu-a até o igarapé. E lá estava ela, abraçada à enorme jiboia! Pareciam um só corpo sob o pisca-pisca do céu. Neste momento, sentiu uma flechada em seu coração. Os deuses lhe falavam que Siriane e Tumuyã não podiam mais viver um sem o outro. Ferido em sua honra, com o peito dilacerado e cheio de dor, cego de ciúme e tristeza, golpeou-os com a sua borduna, até a morte.

O sangue escorreu pela areia branca e riscou as águas do rio com os mesmos desenhos que uniram Siriane e Tumuyã. Seus corpos foram levados pela correnteza vermelha e espumaram na cachoeira. A floresta silenciou e lágrimas de prata escorreram das estrelas. Siriane havia tecido o fim da própria história. Porém, a arte, a memória e o espírito do povo Huni Kuin, guardaram vivos os seus sonhos.



## POVO HUNI KUIN AMÉRICA DO SUL

O povo Huni Kuin habita as regiões de floresta tropical no leste peruano e no estado do Acre, sendo mais numerosos na região brasileira.

Autodenominam-se huni kuin, que significa "homens verdadeiros" ou "gente com costumes conhecidos".

**MARIA CECILIA F. DE PAULA**

Artista convidada

[@ceciliatear](https://www.instagram.com/ceciliatear)

SIRIANE

Tecelagem Manual - KENE e bordado

Fios de algodão e lã

20X27 cm





*Lalen Kuzé*





As meninas Mapuche se reuniram em uma grande roda. Chegara o momento de celebrar o ano novo e todas tinham seus pulsos amarrados com uma fina teia de aranha. Olhavam para as estrelas e ouviam a voz de Üllche Domo, sua avó ancestral, primeira mulher do seu povo. Naquela noite receberiam o dom da habilidade e da arte de tecer, conhecimento que era transmitido há muitas gerações pela velha aranha, Lalen Kuzé.

O cerimonial se repetia todos os anos. A partir dali, as jovens deveriam manter o delicado fio da tradição e da sabedoria. O tear representaria para elas o encontro entre o divino e o humano, entre o passado e o presente, a própria identidade e sobrevivência. Todo o processo de tecelagem - desde a lavagem da lã de ovelha, à fiação, ao tingimento e à trama – representaria a união do mundo sobrenatural com o mundo terreno. Os desenhos e as cores extraídas da natureza se aplicariam aos tecidos, dando vida e voz à cultura Mapuche.

A velha aranha e grande tecelã viria em sonhos para falar às meninas da aldeia.






Elas receberiam os ensinamentos sagrados que seriam realizados durante o dia, enquanto observassem o trabalho das suas mães e avós e ouvissem suas histórias. Aprenderiam os segredos dos fios e a sua importância na transmissão da tradição do povo da Patagônia. No tear, tramariam os próprios sentimentos e os tecidos multicoloridos as ajudariam na compreensão de ser mulher.

No dia seguinte, após o ritual de iniciação, as meninas despertaram para sua nova vida. Tecer os sonhos e os desejos do espírito seria o seu cotidiano. Todas se concentrariam na intimidade consigo mesmas e entoariam canções para invocar os deuses, com a crença de receberem a graça de uma bela tecitura. Através do seu canto, expressariam alegrias e tristezas. Lembrariam das histórias que ouviram ainda crianças, sobre o amor e a beleza do mundo. O seu ofício as manteria vivas.

Quando não estivessem fiando, ajudariam na coleta de frutos, folhas, raízes e musgos, que seriam usados para dar cores à lã.





As tinturas naturais retratavam o arco-íris, exibido no céu entre a garoa e os raios de Sol. Nesta grande roda da vida, as meninas iniciadas tecelãs se tornariam mulheres, com capacidade para ensinar e transmitir os saberes da alma, preservando o aprendizado e a memória dos seus ancestrais. Assim o tempo passava lento na pequena aldeia, onde as tarefas eram definidas entre meninos e meninas. Tecer não era uma escolha feminina, era o destino de toda mulher.


No entanto, o mesmo destino inevitável e previsível, reservava surpresas e abria caminhos inesperados. Muitas vezes demonstrava a sua força e crueldade... Apenas alguns dias depois do cerimonial de passagem, uma das meninas lavava a lã no rio, enquanto cantava. Aproveitando-se da sua distração, um homem sorrateiro e veloz a roubou, arrastando-a para longe da aldeia. Por mais que gritasse e se debatesse, ninguém a ouviu. Sozinha e amedrontada, em terras estranhas, a jovem Mapuche não tinha alternativa a não ser submeter-se à sua sorte. Teria que casar-se com o desconhecido que a sequestrara, seguindo as leis do seu povo.



Logo após o casamento, o marido entregou-lhe um saco de lã bruta e ordenou-lhe que fiasse. Era sua obrigação. Viajaria para lugares distantes e exigia que, ao voltar, todo o trabalho estivesse pronto. Assim que ficou sozinha, sentindo-se incapaz de realizar tal tarefa, pois acabara de ser iniciada na arte da tecelagem, a menina sentou-se perto do fogo e entregou-se à profunda dor que sentia. As lágrimas escorriam por seu rosto, pingavam e secavam entre as chamas. Suplicava por ajuda, pois jamais conseguiria fiar a lã e, fatalmente, seria castigada e desprezada por todos.


Neste momento, os deuses ouviram seu pranto e despertaram o espírito do fogo, que lhe disse: “Não se desespere, chamarei a velha aranha para ajudá-la”. Entre soluços, a menina calou-se. Como Lalen Kuzé poderia ajudá-la? Somente em sonhos seria possível encontrá-la. Entretanto, alguns instantes depois, mal podia acreditar no que via: diante dos seus olhos, a velha aranha apareceu, descendo vagarosamente de sua teia. Dirigindo-se à roca, em silêncio, a grande tecelã da natureza começou a ensinar-lhe a arte de fiar.





A pequena Mapuche sabia que receber os seus ensinamentos era uma dádiva, sinal de que o seu sacrifício seria recompensado em um futuro não muito distante. As oito patas, finas e delicadas, trabalhavam sem parar e conectavam-se com o infinito. Sua paciência, perseverança e criatividade encantavam e interligavam as forças do universo. Os fios enovelavam as esperanças da menina e davam-lhe ânimo para lutar e perseverar em direção aos seus sonhos. A todo instante, sem palavras, a grande mãe lhe mostrava como tecer a própria vida.

Terminado o trabalho, a velha aranha adormeceu no centro da sua teia perfeita. Cansada por tantos dias seguidos de fiação, a menina também adormeceu, recostada sobre as meadas de lã. Em seus sonhos, viu Lalen Kuzé deslizando por um fio brilhante em direção à Lua. Viu a aldeia em que nascera, a fogueira que aquecia as histórias das suas avós, as mãos da sua mãe trançando seus cabelos. Uma sensação de paz, coragem e liberdade invadia o seu coração. Imagens de caminhos floridos se iluminavam aos seus pés



Este era o maior ensinamento da velha aranha: infinitas possibilidades para fiar, tecer, desfazer e refazer caminhos. Quando a pequena Mapuche acordou, a grande tecelã havia desaparecido.

Alguns dias depois, o homem voltou para casa. Logo achou a lã já fiada, conforme exigiu. Mas para sua amargura, quando procurou a menina, não a encontrou... Lalen Kuzé abriu as portas do seu espírito, para que entrasse em contato com o lado mais obscuro de si mesma, crescesse livre e se transformasse em uma sábia e forte mulher.

## POVO MAPUCHE AMÉRICA DO SUL

O povo Mapuche habita a região centro-sul do Chile e do sudoeste da Argentina.

Atualmente, grande parte da população vive em zonas urbanas, mantendo vínculo com as comunidades de origem e lutando pelo direito de recuperação do território ancestral.

**SILVIANE LOPES**

Curadora do projeto

[@tecelagem\\_atelier](#)

Professora do grupo Tecelãs Pro Arte

[Tecelãs ProArte](#)

**LALEN KUZÉ**

Tecelagem manual - urdume complementar

Fios de algodão e nylon


20X27 cm






A close-up photograph of a crocheted Anansi spider. The spider's body is a dark brown color, and its legs are made of various colored threads including red, blue, yellow, and black. The spider is positioned on a bright yellow fabric background that features a black spider web pattern. The word "Anansi" is written in a black, cursive font across the center of the image.

*Anansi*




Todos concordavam: não havia em terra ninguém mais astuto do que a aranha Anansi. Nem mesmo os deuses eram capazes de realizar as suas proezas. Para conseguir seus objetivos, era capaz de transformar-se no que quisesse. Um homem malandro, uma mulher sedutora, um velho fraco, um coelho veloz, uma raposa esperta ou, simplesmente, uma aranha inofensiva em sua teia. Com as suas artimanhas e trapagens, Anansi enganava animais, seres humanos e deuses, persuadindo-os para atenderem as suas vontades.

Certo dia, Nyame, o deus do céu, resolveu desafiar a aranha. Já estava cansado e irritado com Anansi, que vivia gabando-se da sua inteligência e sabedoria. O povo Axânti implorava a Nyame proteção contra Onini, a píton gigante que aterrorizava a aldeia. O deus decidiu que esta seria a hora de Anansi provar as habilidades que dizia possuir. Então chamou a aranha, que logo teceu uma teia de prata para subir ao céu. Assim que Anansi chegou, Nyame lançou o desafio. Se realmente fosse tão ardilosa quanto dizia, havia de trazer a píton gigante aos seus pés.



No entanto, a aranha tinha conhecimento de que Nyame guardava um baú com todas as histórias do mundo. E este tesouro muito lhe interessava... Afinal, ter posse de todas as histórias do mundo a faria ainda mais inteligente e sábia. Perguntou então ao deus, se ele lhe daria o baú de histórias em troca de Onini. Nyame retrucou, dizendo que seu preço seria maior, pois as histórias valiam muito mais! Além da cobra gigante, Nyame pediu que trouxesse Osebo, o leopardo de dentes terríveis; Mmboro, as vespas que picavam como fogo; e Mmoatia, a fada que nenhum homem viu. Este seria seu preço.

Nyame estava certo de que Anansi desistiria da tarefa tão difícil. Como poderia, sendo tão pequena e franzina, enfrentar tais desafios? Mas para sua surpresa, Anansi concordou e garantiu que pagaria o alto valor pelo baú de histórias, colocando em risco a própria vida! O deus riu-se da aranha, que rapidamente desceu por sua teia de prata de volta à terra.



Sentia-se capaz de vencer e levar vantagem sobre os mais poderosos opressores, usando a astúcia e o truque. Não haveria de ser Nyame que lhe venceria, mesmo que fosse o deus do céu. Certa de que o baú de histórias já lhe pertencia, partiu para a aldeia em busca de Onini, a terrível píton.

Chegando à beira do rio, deparou-se com o animal. Logo começou a falar bem alto:

— Eu sabia que era mentira! Esta cobra não é maior que a folha de uma palmeira! Onde está a tal cobra gigante da qual me falaram? É mentira! Não vejo nada aqui...

Indignada com a afirmação de Anansi, a píton se apresentou inteira, colocando-se ao lado da folha de palmeira estendida na margem do rio. Bastou um breve instante de distração da cobra, para que a aranha a amarrasse à folha com a sua forte teia, deixando-a imobilizada e puxando-a até o céu, deitando-a aos pés de Nyame.



O deus mal podia acreditar e duvidava de que os próximos desafios fossem realizados. “Com certeza, Anansi tivera sorte...”, pensava. Sem dar atenção à incredulidade do deus, a aranha desceu de volta para a mata.

Dirigindo-se ao rio onde Osebo costumava beber água, cavou um enorme buraco em frente ao poço. Teceu uma teia bem forte no fundo e cobriu-o com folhas. Do alto da árvore, ficou observando. Quando o perigoso leopardo se aproximou, sem saber o que o esperava, caiu na armadilha! Com muita habilidade, a aranha puxou a teia e o feroz animal ficou preso. Mais uma vez, Anansi subiu velozmente para o céu, arrastando a sua presa e deixando-a aos pés do deus. Admirado com mais esta proeza, Nyame já não ria da capacidade de Anansi. De fato, ela era inteligente! Sem dizer uma palavra, a aranha partiu.

Agora era a vez de Mmboro, as vespas que picavam como fogo. Anansi encheu uma cabaça com a água do rio.





Quando as vespas estavam descansando sobre uma folha de bananeira, a esperta aranha jogou água sobre elas e gritou, mostrando-lhes a cabaça vazia:

— Vespas, está chovendo forte! A água da chuva vai estragar as suas asas! Entrem rápido neste abrigo!

As vespas, molhadas e atordoadas, voaram para dentro da cabaça. Em poucos segundos, Anansi teceu uma forte teia na sua abertura e todas ficaram presas. Puxando a cabaça pelo fio de prata, chegou aos pés do deus do céu e entregou o seu terceiro pedido. Nyame ficou em silêncio.

Era incrível como aquela pequenina aranha não desistia. Muitos reis poderosos já haviam oferecido verdadeiras fortunas por seu baú de histórias. Porém, nenhum deles mostrou-se disposto a pagar tal preço. Percebendo o constrangimento do deus, Anansi riu e desapareceu entre as nuvens, descendo de volta para a terra.

Faltava o último desafio. Capturar Mmoatia, a fada que nenhum homem viu.






Sempre curiosa, Anansi descobriu que a fada gostava de inhame cozido, então preparou-lhe um farto banquete! Primeiro cozinhou a iguaria e colocou em uma bonita tigela ao pé da árvore onde as fadas costumavam se encontrar. Depois, esculpiu uma boneca em madeira, lambuzou-a com goma e colocou-a ao lado da tigela. Não demorou muito para Mmoatia chegar, pois inhame cozido era o seu prato favorito! Feliz com o presente, quis agradecer à boneca, dando-lhe um afetuoso abraço. Desesperada, percebeu que ficara presa na goma! Foi quando ouviu a voz de Anansi, do alto da árvore:

— Vamos fadinha, agora você está pronta para conhecer o deus do céu! — disse a aranha, entre risos.


E lá se foram as duas pela teia de prata até os pés de Nyame. Estava terminado o desafio!

O deus do céu olhava-a com espanto, admiração e respeito. Anansi provara ser um símbolo de resistência. Suas estratégias eram inspiradoras.





Não era somente um animal trapaceiro, como todos o conheciam na aldeia. Era herói do povo Axânti. Demonstrava coragem, garra, perspicácia e conhecimento. Realizava feitos que nem mesmo os mais poderosos ousavam realizar. Nyame reconheceu que Anansi era merecedora do seu tesouro. E assim o fez. Daquele dia em diante, o baú era seu. E suas histórias fantásticas partiram do continente africano para ganhar o mundo.





## POVO AXÂNTI ÁFRICA OCIDENTAL

O império Axânti se estendia pelo território que hoje conhecemos como Gana Central, Togo e Costa do Marfim.

Atualmente, a monarquia Axânti continua como um dos estados subnacionais tradicionais constitucionalmente protegidos dentro da República de Gana.

## **ALEXANDRE HEBERTE**

Artista convidado

[@alexandreheberte](https://www.instagram.com/alexandreheberte)

## ANANSI

Renda Cariri - tramas experimentais  
Acrílico sobre tela, fios de algodão, lã e sintéticos  
40X50 cm





# *Penélope*





Fazia anos, desde que Ulisses partira para a guerra de Troia. Penélope olhava todos os dias para o mar, com olhos marejados de tristeza. Muitos não acreditavam que fosse possível seu marido voltar, mas o seu coração apaixonado dizia que sim... Ele voltaria e ela estaria ali à sua espera, com o amor mais vivo que poderia existir entre todas as esposas da Grécia.

O tempo passava arrastado e os cabelos de Penélope acinzentavam, mas a sua beleza continuava a encantar os homens. Muitos deles, até mesmo o próprio pai, tentavam convencê-la de que já era viúva, pois Ulisses com certeza estava morto. Mas Penélope, sempre fiel ao seu amor, não aceitava cortejos, muito menos a possibilidade de casar-se novamente. Havia de esperar o tempo que fosse preciso para ter Ulisses de volta em seus braços. O brilho do seu caráter era tão radiante quanto o brilho do seu corpo.

A angústia da espera despertava em Penélope a lembrança do difícil começo da sua história.





Ulisses, rei de Ítaca, recebera o direito de desposar sua mão depois de ser vitorioso sobre vários competidores. Em uma das disputas, foi preciso que Ulisses derrotasse o próprio sogro, o corredor campeão. Este jamais permitiria que alguém casasse com a sua filha, a menos que pudesse vencê-lo. Afinal, ele era Icário, o príncipe de Esparta! Depois do casamento, com o coração dividido, foi preciso decidir em qual reino Penélope moraria. Esparta ou Ítaca? Sem escolha, seguiu com Ulisses para a pequena ilha vizinha, provocando desgosto e vergonha ao pai, que havia lhe implorado para ficar.

A memória destes momentos a ajudavam a ter forças para esperar a volta do seu rei, pois o destino cruel havia permitido que vivessem felizes por apenas um ano, após casarem-se. Ulisses, um dos maiores guerreiros gregos, teve que deixá-la para defender o seu reino dos temidos troianos e, em seus braços, deixara Telêmaco. Separados pela dor e sob as juras de amor eterno, jamais esqueceram um do outro.





Telêmaco nunca desistira de procurar Ulisses. Defendia com garra e coragem as terras e os bens que o pai conquistara, pois muitos dos pretendentes de Penélope eram usurpadores e queriam aproveitar-se da sua riqueza. No entanto, Icário insistia em um novo casamento para a filha. Já cansada de ouvir os seus apelos e não querendo contrariá-lo, Penélope cedeu à ideia de casar-se novamente, porém com uma condição. Desejava tecer uma tela para ornamentar o cortejo funerário de Laerte, pai de Ulisses. Somente depois de terminado este trabalho, estaria disposta a aceitar a corte dos guerreiros. Assim, Penélope iniciou a minuciosa tarefa.

A rainha passava dias e dias tecendo. Entretanto, sem explicação, não rendia como o esperado. Parecia que as suas mãos caminhavam contra o tempo, por mais que tecesse não conseguiam terminar a tão delicada tela. Enquanto esperava o seu amor, pacientemente, juntava os fios e as cores com as suas dolorosas memórias.





No desenrolar das meadas, Penélope procurava outros caminhos para a difícil trama que se formara em sua vida, tentando criar novas possibilidades para a própria existência. Sentia a solidão e o abandono nos matizes e nos desenhos de sua tapeçaria. Ali registrava seus piores momentos, colocando todas as esperanças nos pontos que acabavam transformando-se em nós de infinita espera.

Por isso, quando a noite chegava, secretamente, a rainha infeliz desfazia todos os pontos na tentativa de livrar-se da dor. Desatar os nós da própria vida era a sua tarefa mais difícil. Aos olhos de todos, Penélope dedicava-se à tela que produzia, como se nada mais existisse ao seu redor. Contudo, para ela o mundo era rude e sem vida. Na escuridão, era preciso livrar-se do martírio de viver para reerguer-se ao raiar do Sol. O tear era seu refúgio e sua proteção, nele acolhia a si mesma e sentia-se amada.

No entanto, mais uma vez o destino foi cruel com Penélope. Em uma noite, uma das servas a viu desmanchando o trabalho que fizera durante o dia.





Logo compreendeu que se tratava de uma estratégia criada pela rainha para não se casar. Com medo de ser castigada por guardar tão importante segredo, não teve dúvidas em contar para Icário o que acontecia com a tapeçaria misteriosa, deixando-o furioso. Imediatamente, procurou pela filha em busca de explicações e, quando pressionada pelo pai, sem argumentos para continuar com seu plano, Penélope propôs uma nova condição. Sabia que o arco de Ulisses era feito com madeira maciça, duro e difícil para colocar a corda. Por isso, prometeu que se casaria com aquele que conseguisse encordoar o arco que pertencera ao seu marido. Sendo assim, não teria como enganar Icário.

Como era de se esperar, formou-se uma fila de pretendentes com a promessa de realizarem tal proeza. Muitos tentavam em vão. Os dias passavam e ninguém conseguia encordoar o arco de Ulisses, tão duro e firme ele era. Nenhum dos candidatos tinha a força necessária. Para desespero do pai de Penélope, quando tudo indicava que ela jamais se casaria novamente, um humilde camponês se ofereceu para tentar.







Diante do riso daqueles que o observavam, do desdém de Icário e da incredulidade de Penélope, o homem manuseou o arco com firmeza e amarrou a corda com extrema habilidade! O povo boquiaberto se perguntava: “Como aquele camponês casaria com a rainha? Quase um mendigo, tão longe de ser um forte guerreiro!”. Mas o destino estava traçado para Penélope e, desta vez, em seu favor...

Com a ajuda de Zeus, durante os vinte longos anos em que estivera longe, Ulisses havia enfrentado muitos perigos, tempestades e monstros. Finalmente, sem que ninguém soubesse, estava de volta ao seu reino para recuperar o tempo em que esteve distante. O maior herói de todos mostraria que a sua grande força era a paixão que sentia por sua rainha. O nobre guerreiro se disfarçara em um homem pobre e comum para certificar-se da fidelidade da esposa. Neste momento, aos pés de Penélope, revelou sua identidade. E despindo-se das roupas de camponês, simples e rasgadas, entregou-se aos braços da sua amada mulher.



## MITOLOGIA GREGA SUL DA EUROPA

A história de Ulisses e Penélope encontra-se registrada na Odisseia, um dos principais poemas épicos da Grécia Antiga, atribuído ao poeta Homero. O herói era rei de Ítaca, uma das milhares ilhas gregas, situada no mar Jônico.

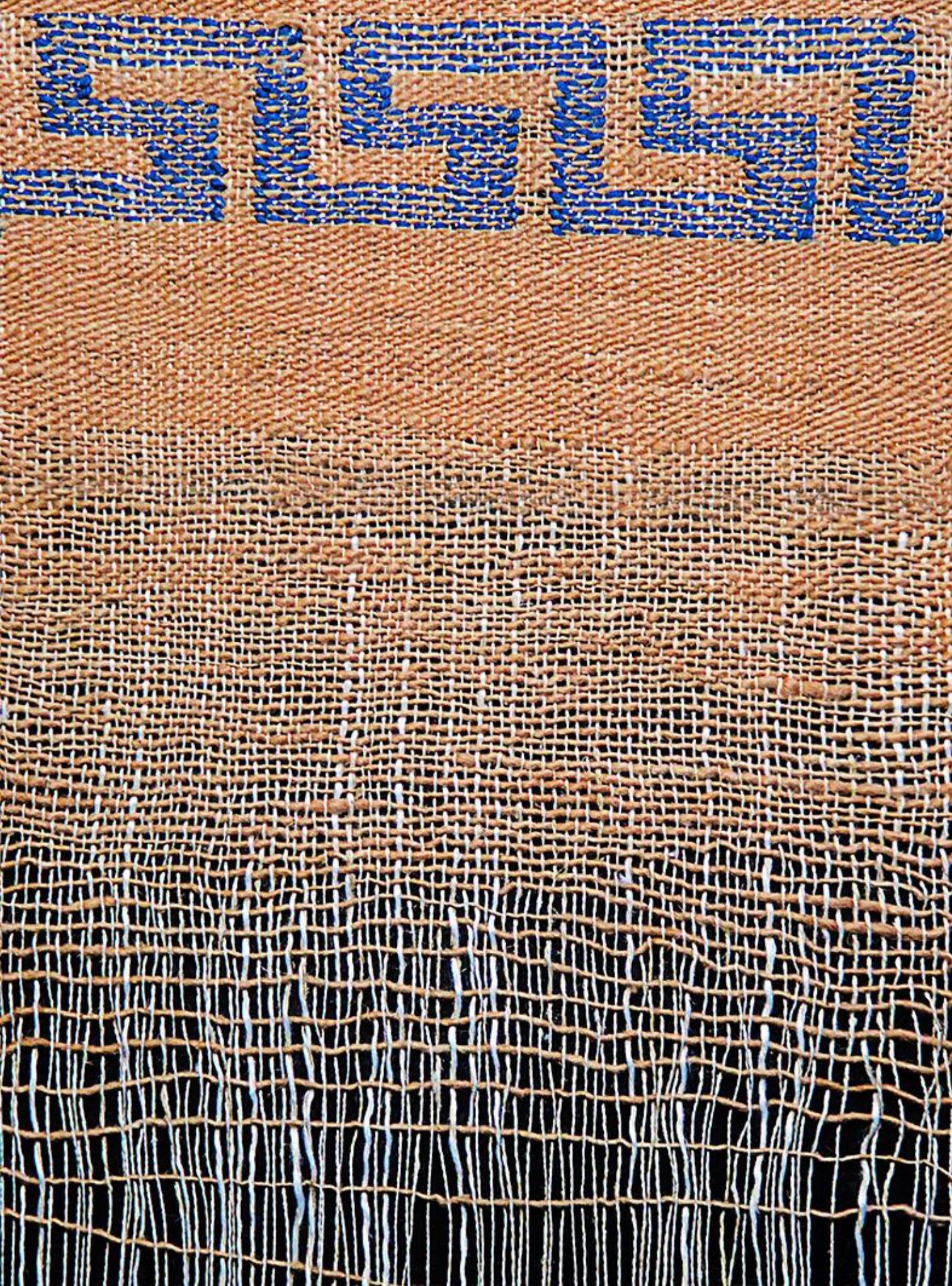
**LEILA BORGES**

Tecelã Pro Arte

[@leila.borges.7965](https://www.instagram.com/leila.borges.7965)

**PENÉLOPE**

Tecelagem manual e brocado  
Fios de algodão e linho  
20X27cm





*As Moiras*



Os cálices transbordaram de vinho e felicidade! O povo grego comemorava com alegria a chegada de mais um menino. Certamente seria um guerreiro forte e hábil no manejo das armas, motivo de orgulho para toda família. No entanto, do rosto da mãe daquele lindo bebê, rolavam lágrimas... Com o coração apertado, a mulher implorava, em silêncio, um bom caminho para o seu filho que acabara de nascer. Quais seriam os fios que as Moiras iriam tecer para a vida daquela criança? Teria ela a sorte de uma existência longa e feliz? Com o pequeno em seus braços, a jovem mãe rogava por piedade às deusas do destino.

Mas as velhas fiandeiras não ouviam súplicas que pudessem mudar as suas decisões. As Moiras eram filhas de Nix, a deusa dos segredos e dos mistérios da noite, a rainha dos astros. Sua missão era tecer a vida de cada filho da Grécia, do nascimento até a morte. Somente elas tinham o poder de determinar a harmonia do cosmos e nem mesmo Zeus, o Senhor dos Céus e o Deus Supremo, podia interferir. Não existiam escolhas para os acontecimentos, pois tudo era cuidadosamente fiado pelas três irmãs.





Fabricar, tecer e cortar o fio da vida, tanto dos deuses como dos seres humanos, era o seu trabalho. Por isso, não seria possível atender ao pedido da pobre mãe, por mais amor que derramasse em suas preces.

Entre tantos nascimentos e mortes, lá estavam elas, as sinistras Moiras, na escuridão da sua caverna, tecendo sem parar, dias e noites a fio. Nas voltas da Roda da Fortuna, acima ou abaixo, posicionavam os fios e definiam a boa ou a má sorte de cada um. Para aquele menino que acabara de nascer, assim como para todos os outros meninos e meninas, não seria diferente. Tudo estava predestinado e teria que ser vivido. Receberia parcelas do bem e do mal, teria que aceitar o que viesse para sua existência. Trabalhavam com tanta sintonia que pareciam uma só, porém cada uma tinha uma função bem definida e respeitavam-se entre si.

Cloto era a mais jovem. Fiandeira que segurava o fuso e tecia o fio da vida de todos os homens. Para realizar esta tarefa, juntava-se a outras forças divinas.





Artemísia, deusa da Lua e protetora das meninas. Ilícia, a deusa dos partos e das gestantes, protetora das mães. Hécate, deusa que conferia prosperidade e bênçãos à família. Cloto era temida por todas as mulheres grávidas, pois era sua a decisão sobre quem nasceria e quando. Ainda no útero, durante nove luas, tecera o fio para aquele menino e, no décimo mês, permitiu o corte do cordão umbilical, trazendo-o à vida terrena. Chegara a hora de tirá-lo dos braços da sua mãe e entregá-lo às mãos de Láquesis. Dali em diante, seria ela a responsável por guiar os seus passos.

Ao recebê-lo, Láquesis puxou o fio da vida fabricado por Cloto e começou a enrolá-lo na meada do destino. Sortearia e distribuiria as alegrias, os sofrimentos, as provas, as oportunidades, as fortunas e os infortúnios, para o menino que acabara de iniciar a jornada da vida. Trabalharia junto com Tique, o deus da prosperidade e da sorte, fosse para o bem ou para o mal. Também contaria com a ajuda de Pluto, o deus caridoso que vivia na terra e no mar. Caso a criança o encontrasse, daria a ela a riqueza, não importando se fosse uma pessoa boa ou má.





E ainda Moros, o deus do futuro, que por ser cego não conseguia ver a quem reservava fatos inevitáveis. Estes só seriam previstos através dos oráculos. Durante todo o seu crescimento e desenvolvimento, os atos do menino seriam avaliados até o momento em que Láquesis escolheria o dia da sua morte e o entregaria para Átropos.

A terceira era a mais inflexível de todas, pois a sua decisão não permitia volta. Ao receber de Láquesis a data marcada para o fim da vida da criança, ela cortaria o fio com a sua tesoura encantada e acabaria com a sua existência. Tânato, a personificação da morte, estaria ao seu lado. E também as Queres, os espíritos femininos da fatalidade. A vida daquele bebê e de todos os outros que nascessem na Grécia estava nas mãos das fiandeiras do destino. Tinham o poder para definir quem deveria viver ou não e de que forma viveriam. Entretanto, haveria um fato igual para todos os seres humanos: a morte.

A jovem mãe, desesperada, sentindo-se impotente diante da força impiedosa das Moiras, implorou a todos os deuses que a ajudassem. Zeus ouviu o seu pranto e sentiu compaixão.







No dia seguinte ao nascimento, enquanto a moça sonolenta acalentava seu filho no colo, o Senhor dos Céus apareceu-lhe em sonho. Contou-lhe que nada podia fazer contra a força superior das velhas fiandeiras, mas que havia uma forma de evitar alguns sofrimentos ao seu filho. Todas as crianças corriam o risco de encontrar a úpermoira, a sina que trazia a fatalidade e o mal. No entanto, ela só seria atraída em consequência das maldades provocadas pelas decisões do próprio menino. Sendo assim, era a única fatalidade que podia ser combatida, pois só acrescentaria algum castigo à vida de alguém, se este fosse motivado por suas más escolhas, pelo seu livre-arbítrio e princípios morais.

Zeus também contou à mulher que as três velhas Moiras haviam criado deusas que as auxiliavam na difícil tarefa de determinar o destino das pessoas. Têmis, a deusa da justiça. Nêmeses, a deusa da ética, e as Eríneas, deusas conhecidas por sua bondade e benevolência, encarregadas de punir os homens por seus erros. Elas haviam crescido como irmãs e foram criadas para orientar os seres humanos em suas decisões.





O Deus dos deuses aconselhou à mãe que pedisse ajuda da justiça, da ética e da bondade, para educar o seu filho e conduzi-lo aos melhores caminhos.

A mulher acordou com um clarão no céu seguido de forte trovão. Era Zeus, governador do Universo, que enviava chuva para limpar a desordem da Terra. Com o coração mais aliviado e agradecida ao Deus Supremo pelo conselho que recebera, a mãe olhou para o seu menino, beijou-lhe a cabeça e prometeu-lhe doar todo o seu tempo e a própria vida, se preciso fosse, para formá-lo com bom caráter e capaz de fazer boas escolhas. Não haveria de encontrar-se com a úpermoira e jamais sentiria arrependimento por cometer algum mal.

Seria forte e corajoso o suficiente, não para ser um guerreiro das armas, mas para aceitar e enfrentar os sofrimentos e as fatalidades que o destino lhe reservasse. Até mesmo a morte.

E assim, mãe e filho, com serenidade e sabedoria, desenrolaram o novelo da vida.



## MITOLOGIA GREGA SUL DA EUROPA

Existe um grande número de versões do mesmo mito em diferentes regiões do continente europeu, como resultado de séculos de tradição oral.

As moiras ou mouras surgem como guardiãs dos locais considerados limites entre o divino e o humano, onde se acreditava que o sobrenatural podia manifestar-se.

### MARILIA D'ALBUQUERQUE

Tecelã Pro Arte

[Tecelãs ProArte](#)

### MOIRAS

Tecelagem manual e bordado  
Fios de algodão, poliéster, metalizado,  
peças de plástico e madeira  
20X27cm





# *Mãe Maria*



Quando estava perto de ganhar o seu bebê, Maria pensou em fazer uma bonita roupa para o dia do nascimento! Não seria uma veste comum, pois a vida do seu filho era muito especial... Todos o aguardavam com alegria e esperança! Preparavam-se para o primeiro Natal.

Transbordando de amor, Maria desejava tecer uma camisa tão singular quanto o menino que estava prestes a nascer. Chamaria Jesus, o Salvador, e o seu agasalho merecia os fios mais delicados que a natureza pudesse oferecer. Decidiu pedir ajuda às estrelas, à Lua e ao Sol. Ninguém mais lhe daria fios tão ricos, finos e cintilantes.

Tão logo ouviram o seu pedido, os astros a atenderam prontamente. As estrelas deram os raios mais límpidos e fascinantes. A Lua ofertou fios prateados com a luz mais intensa que possuía. Chegando à morada do Sol, Maria foi recebida com um tapete feito em ouro, que logo se transformou em meadas de fios dourados. Feliz com os presentes que recebera, reuniu todos os novelos brilhantes e iniciou o seu trabalho.



Mas para surpresa de Mãe Maria, os fios finos e sedosos escorregavam rapidamente entre os dedos. Por mais que tentasse trançá-los, não conseguia mantê-los firmes e o tecido desmanchava-se em suas mãos. Maria reiniciou o trançado várias vezes em vão. Não compreendia porque os fios se desatavam. Por fim, desistiu. Teria que encontrar quem soubesse tecê-los e saiu à procura de ajuda.

Bem no início do caminho, encontrou muitas pedras e cristais. Eram fortes, rígidos e resistentes. “Quem sabe não lhe ajudariam a fazer a camisa do Menino Jesus?”, pensou. E mostrando-lhes os novelos reluzentes, perguntou:

— Cristais e pedras tão valiosos, procuro quem possa me ajudar a tecer estes fios. Vocês poderiam?

As pedras e os cristais lhe responderam que gostariam muito de ajudá-la, mas não conheciam a arte de tecer. Porém, se ofereceram para auxiliá-la de outra forma.



Construíram um caminho com terra firme, pelo qual Maria chegaria ao estábulo, onde encontraria abrigo e proteção para seu filho. Mãe Maria agradeceu o presente e, sem desanimar, continuou a caminhada.

Logo à frente, sentiu o perfume das plantas à sua volta, tão bonitas e cheias de vida! Imaginou que, com o seu viço, talvez pudessem lhe ajudar a tecer a roupa que desejava. Então, perguntou:

— Plantas lindas e viçosas, preciso fazer uma veste para o meu menino que irá nascer! Vocês conseguem trançar estes fios?

Mas para sua tristeza, as plantas responderam que nada podiam fazer, pois não entendiam de tecidos. No entanto, poderiam ofertar outro presente para o bebê. Prepararam um lindo jardim! Cuidaram da terra para que ali nascesse a rosa de Cristo, protegida por espinhos e vermelha como sangue. Maria ficou feliz com o presente, agradeceu às plantas e continuou sua busca.





Um pouco mais à frente, encontrou alguns animais. Animada, apressou-se para pedir ajuda! Eram rápidos e espertos, certamente saberiam tecer os fios!

— Animais, vivos e ligeiros, me ajudem a tecer estes fios para fazer a veste do meu filho! — disse ela, confiante.

No entanto, decepcionada, Maria ouviu os animais falarem baixinho que não seria possível auxiliá-la, pois não sabiam tecer. Contudo, o burrinho bondoso e sempre pronto para servir, aproximou-se de Maria e ofereceu o lombo para carregá-la durante a longa e cansativa jornada. Mãe Maria agradeceu a gentileza e aceitou, estava cansada... Não conseguia esconder a aflição por não encontrar alguém que a ajudasse.

Chegando ao vale, já sem esperanças, Maria e o burrinho pararam para descansar no frescor da relva. Em silêncio, ela olhou para o alto e suplicou às estrelas, à Lua e ao Sol, que já adormecia por trás da colina.



Com a candura das palavras que vinham da sua alma, pediu que lhe mostrassem como fazer a camisa do Menino Jesus com os fios que lhe deram.

Neste instante, Maria viu uma luz radiante que vinha do céu ao seu encontro. Era um lindo anjo! De olhos fechados, sentiu-se em paz, acolhida por sua doce voz que dizia baixinho:

— Maria, as crianças da Terra são as únicas que podem ajudar nesta tarefa tão importante. Peça a elas... E você saberá o que é preciso para tecer a camisa do Menino Jesus.

Quando Mãe Maria abriu os olhos, o anjo havia desaparecido. Ainda sem acreditar, ouvia as palavras sopradas ecoarem no silêncio do vale deserto. Levantou-se e continuou a caminhar, até se encontrar com algumas crianças que brincavam livremente no campo.



Com olhar carinhoso e iluminado pela fé, perguntou:

— Crianças queridas, vocês podem me ajudar? Preciso unir estes fios para tecer a camisa do Menino Jesus.

Entre risadas e pulos de alegria, as crianças disseram que sim, queriam muito ajudar! De mãos dadas, formaram uma grande roda ao redor de Maria e enviaram todo o amor que existia em seus corações. O sentimento puro e verdadeiro, que somente os pequenos possuem. Mãe Maria sentia toda força e beleza do amor das crianças e, com encantamento, viu os novelos reluzirem e clarearem o céu.

Logo começou a trançá-los e percebeu que os fios se uniam em desenhos, tramas e pontos perfeitos! Os mais belos e fortes que as suas mãos já haviam tecido. Quando Maria deu por si, estava pronta a veste do menino...

Naquela noite, nasceu Jesus.

## CONTO DE NATAL CONTINENTE EUROPEU

A história do Natal é tão antiga quanto a civilização e tem sua origem na celebração do solstício de inverno, quando ocorre a noite mais longa do ano e a preparação para uma boa colheita no ano seguinte. Depois do nascimento de Jesus, a data foi integrada ao calendário cristão.

## **DORA ASSUMPÇÃO**

Montagem em homenagem à querida Dora que tanto nos inspira. Aos 95 anos, faz casaquinhos de tricô para doar, participa do grupo das Tecelãs Pro Arte e sempre quer aprender novas técnicas.

## MÃE MARIA

Casaquinho de tricô  
Fios de poliéster, metalizado, lã de carneiro cardado  
30 cm diâmetro





*Frigga*



As mulheres grávidas já haviam acendido as suas velas brancas para as festividades do solstício de inverno. Nas chamas geladas que tremulavam, a alegria iluminava as casas e todas as famílias invocavam Frigga, “aquela que ama”. A noite mais longa e fria do ano era dedicada a ela, a deusa protetora do amor, da união e da fertilidade.

Do seu palácio, a suprema mãe assistia a festa e, satisfeita com o que via, se preparava para tecer o destino das famílias em seu grande tear. Sua missão exigia muito esforço. Inspirava todas as mulheres a serem promotoras da paz em seus lares. Por isso, nos momentos de dificuldade, era solicitada por elas para auxiliar nos afazeres da casa, na fiação da lã, no cuidado com as crianças e, especialmente, na hora do parto. Proteger a tantos casais e aos seus filhos não era tarefa fácil. Por isso, tinha ao seu lado doze divinas e fiéis senhoras, que a ajudavam enrolando fortes cordões de energia cósmica, com os quais seriam tecidos os casamentos felizes. A roca de fiar era sua arma mágica.



Frigga fazia questão de dar exemplo com a própria vida. Casada com Odin, dividia com ele o trono de cristal, de onde podia ver os nove mundos e reinar sobre todo o universo. Para ela, a lealdade à família e a união pautada no amor verdadeiro eram a essência do casamento. Com seu tecido encantado, levava aos casais proteção, saúde, paixão e sabedoria, a fim de manterem uniões duradouras e garantirem a ordem social. Para aqueles que conseguissem ser fiéis até a morte, dava a vida eterna no Palácio Fensalir, onde nunca mais se separariam. Porém, para aqueles que quebrassem o juramento, tramava um castigo cruel. Seriam banidos da sociedade e deixados no deserto frio, sem alimento.

O dia das festividades do solstício de inverno era motivo de orgulho e honra. Frigga sentia-se prestigiada e feliz, ao ver as famílias brindando o amor. No entanto, para sua surpresa, passadas as homenagens daquele ano, foram muitos os chamados! Algo de incomum estava acontecendo.





Para ver mais de perto o que se passava, a deusa deixou sua forma de bela mulher e transformou-se em pássaro, assim poderia visitar as casas sem que fosse notada.

Embora tivesse o dom da vidência e pudesse prever o futuro, Frigga preferia não falar sobre suas visões. Não poderia alterar o que já estava predestinado. Somente os próprios seres humanos teriam a chance de modificar o destino, tudo dependeria das suas atitudes e de como iriam conduzir o fio das suas vidas. Em especial as mulheres, que possuíam o maior poder: o dom da intuição feminina. A deusa dava a todas elas: beleza, sabedoria, juventude, pureza, amor, sedução, maternidade e ancestralidade. Todas possuíam tais virtudes, desde o nascimento.

No entanto, ao visitar as casas, Frigga percebeu que estavam perdendo o seu dom. Muitas estavam tão sobrecarregadas com as tarefas diárias que não conseguiam olhar para si mesmas.



Cansadas e desconectadas do próprio corpo, deixavam de ouvir a voz do coração, a única que podia revelar-lhes o futuro. Sem tempo para ficarem sozinhas, para sonharem acordadas, para cuidarem de si e, principalmente, para não sentirem medo de errar e permitirem-se viver novas experiências, adoeciam sem encontrar o caminho da cura. Então imploravam ajuda à deusa.

Entristecida, ao ver tamanho sofrimento, Frigga resolveu socorrê-las. O destino era feminino e cíclico, as mulheres eram as verdadeiras geradoras da vida, não poderiam adoecer. A deusa possuía alma bondosa, amorosa e serena. Seu maior desejo era ver a harmonia reinar em todas as casas, com mulheres realizadas e crianças crescendo felizes. Convocou o Sol, a Lua, as estrelas e as nuvens. Decidiu que parariam o tempo para todos os seres, exceto para as mulheres. Elas ganhariam todo o tempo do mundo, enquanto o restante do universo adormeceria. Todas estariam livres para descobrir os seus reais desejos, sem as preocupações e os compromissos do dia a dia.



Para cada uma, Frigga deixou um caderno encantado com uma mensagem. Teriam que escrever nele tudo aquilo que sentissem. O desafio era ficarem em silêncio, encontrarem erros e acertos, alegrias e tristezas, verdades e mentiras, viajarem pelas próprias vidas. Precisavam ter consciência do que poderiam modificar e sabedoria para, sem culpa, aceitarem o imutável. Descobrirem quem eram e amarem a si mesmas. Embora parecesse um pedido simples, muitas se sentiram perdidas. Algumas só haviam conhecido o seu verdadeiro eu, quando eram crianças. Não sabiam como reencontrá-lo. Viviam em uma sociedade em que eram responsabilizadas por todo o trabalho doméstico e a falta de tempo lhes roubava o que tinham de mais precioso.

Então, Frigga providenciou uma surpresa. Preparou o brilho do Sol mais acolhedor, as nuvens mais brancas, a Lua mais prateada e o céu mais estrelado que poderia existir. Fez soprar um vento leve, que trazia chuva fresca e brilhante, para banhar os seus corpos. Nos campos, nasceram morangos com aroma doce, convidando-as a colhê-los e deliciarem-se com o seu sabor. Todos os seus sentidos foram despertados.



Logo começaram a escrever. Tinham muito para contar sobre as suas vidas, medos e anseios. Riam e choravam ao mesmo tempo. Despiam-se para redescobrirem o mais lindo dentro de si e, enfim, reencontrarem a intuição que a rotina havia sufocado.

Quando os cadernos encantados estavam totalmente escritos, Frigga deixou uma mensagem sagrada: deveriam relê-los sempre que desejassem, para não se esquecerem de quem eram. Também precisariam ter tempo, todos os dias, para continuarem a escrever. Depois disso, voltou à sua forma de mulher e retornou para Fensalir. Ordenou ao Sol, à Lua, às nuvens e às estrelas que começassem a girar e acordassem todo o universo.

As mulheres voltaram aos seus afazeres, mas estavam diferentes... Tinham um brilho especial no olhar. Às sextas-feiras, sob a luz do luar, cantavam, dançavam e contavam lindas histórias. Do seu palácio, ao lado da constelação de Órion, Frigga as contempla, felizes e donas dos seus destinos.

## MITOLOGIA NÓRDICA NORTE DA EUROPA

A mitologia nórdica tem origem nos países escandinavos ou nórdicos, como as atuais: Suécia, Noruega, Finlândia, Islândia e Dinamarca.

Por ser uma crença presente entre vários povos, é também chamada de mitologia viking ou germânica.

**PAULA GAMA**

Tecelã Pro Arte

[@pola\\_gama](https://www.instagram.com/pola_gama)

**FRIGGA**

Tecelagem manual, bordado e renda Cariri  
Fios de algodão e poliéster, peças de madeira  
20X27 cm





*Fátima*





Com um sorriso nos lábios e o rosto voltado para o céu, Fátima agradecia por todas as surpresas que o destino lhe reservava. O vento acariciava os seus cabelos e o som alegre dos seus filhos, que brincavam no jardim do palácio, era a música que acalentava o seu coração. A princesa guardava na memória os sofrimentos que passara. Como tesouros escondidos, jamais seriam roubados. Eram somente seus e contavam uma história única e bela, por acreditarem que os sonhos se realizavam, por mais impossíveis que pudessem parecer.

Nos momentos de descanso, Fátima viajava no tempo e visitava o passado em seus pensamentos. Nascera em uma cidade distante do Ocidente e aprendera com o seu pai a arte de fiar e fazer negócios. Ainda era viva e latejante a lembrança do dia em que viajara com o velho fiandeiro pelas ilhas do Mediterrâneo e de quando o barco em que navegavam naufragou, frente a uma terrível tempestade. O mar levava seu pai para sempre e, ainda menina, arrastada pelas impiedosas ondas, chegou à costa da Alexandria, onde fora acolhida por uma família de tecelões.







Crescera sob os seus cuidados, com simplicidade e humildade. Não faltavam trabalho e alimento, para o corpo e para a alma. Nas tramas dos teares, a moça desenhava um futuro de amor, onde imaginava o dia do seu casamento, as noites em que embalaria seus filhos e a casa onde moraria com a própria família. Inspirava-se durante os passeios à praia, quando se distraía ao observar as ondas que iam e vinham, incansavelmente, e se desmanchavam em espumas de esperanças douradas pelo Sol.

Quando tudo parecia calma e mansidão, as reviravoltas do mar da Alexandria abateram Fátima outra vez. Mercadores de escravos desembarcaram nas areias e capturaram a bela moça. Levada para Istambul e vendida no mercado para um comerciante, passou a trabalhar nos serviços da casa e também na fabricação de mastros para embarcações. Seus sonhos rolavam pelas águas como pedras sem direção. Novamente, a sorte a traía e foi obrigada a recomeçar a vida, encontrando forças onde pensava não mais existir.





Divagando por suas lembranças distantes, Fátima fixava o olhar nos pássaros que voavam em direção ao infinito. Uma lágrima de tristeza, gelada e lenta, escorria por seu rosto... Enquanto as crianças corriam, doía-lhe o peito e o sentimento de desamparo era revivido com respeito e gratidão. Como um livro que guarda textos sagrados, a princesa folheava as imagens do passado e relia a própria história.

Apesar de tantos infortúnios, formara-se mulher de raro caráter. Sempre disposta a servir honestamente, agradecida ao seu comprador por tê-la resgatado no mercado, persistia no sonho de ser feliz. Pelo valor do seu coração, destacou-se entre outros escravos e recebeu a liberdade. Passou a ajudar não somente na fabricação dos mastros, mas também na comercialização. Em sua bagagem de recordações, levava as viagens pelos mares e, sem que pudesse acreditar na crueldade da própria sina, em uma delas foi levada ao encontro de um tufão, que a arrastou para a costa chinesa e soprou pelos ares tudo o que possuía. Pela terceira vez, o mundo abriu-se sob seus pés.





Haviam se passado muitos anos, porém, Fátima lembrava-se com clareza das dúvidas que a atormentavam naquele momento tão difícil da sua vida. Perguntava-se: “Quando chegaria o momento de receber respostas às perguntas sobre o porquê de seu destino ser tão conturbado e infeliz?”. Desesperada, cansada e sem razão para acreditar que um dia conseguiria repousar, percebeu que os habitantes da praia a olhavam com admiração e curiosidade. Era uma estrangeira, falava uma língua desconhecida, trazia no semblante a amargura e a descrença dos fracassados. “O que poderia haver de tão interessante para que a olhassem daquele jeito?”, pensava.

Levaram-na ao imperador e, com a ajuda de intérpretes, a questionaram se saberia fabricar uma tenda. Atordoada e sem compreender o motivo de tal pergunta, não tinha condições para argumentar e disse “sim”. Afinal, sabia fabricar cordas, conhecimento herdado do seu pai fiandeiro. Sabia fabricar tecidos, experiência aprendida com a família de tecelões da Alexandria.





Sabia fabricar mastros, ofício praticado na fábrica em Istambul. E avistara várias tendas em suas viagens pelos mares. Não seria tão difícil fabricar uma bem bonita para o imperador.

Fiel à sua natureza forte e dedicada, Fátima pediu fibras de linho e fiou as cordas. Com meadas de algodão, mostrou extrema habilidade no tear e tramou o tecido mais resistente que os chineses já haviam visto. Por fim, pediu toras de madeira forte e fabricou estacas firmes. Depois de dias, com alegria e satisfação, armou a imponente tenda e chamou o imperador.

Neste instante, descobriu o porquê de ter sido desafiada. Havia uma lenda: o povo acreditava que uma mulher estrangeira chegaria e seria capaz de realizar o ousado projeto, pois era uma técnica que não dominavam. Todos aguardavam ansiosos pelo dia em que a profecia se realizaria. Maravilhado com o trabalho da jovem e certo de que era a mulher enviada pelos ancestrais, o nobre rei prontificou-se a atender qualquer um dos seus desejos. Com pureza e modéstia, a moça pediu somente abrigo.





Desejava morar na China, apesar de ser uma terra tão desconhecida aos seus sentidos, pois algo lhe dizia que ali estava a felicidade que tanto procurava.

Um longo suspiro despertou Fátima das suas reminiscências... Os pingos de chuva começavam a cair no jardim florido. A princesa encantava-se com o arco-íris que o céu pintava e via em suas cores todos os caminhos que percorrera para chegar até o seu sonho. Nenhum deles surgira em vão, até mesmo os mais tortuosos e difíceis. Alegrava-se ao perceber que, como os fios do seu tear, a sua vida era feita de todas as cores, que se misturavam e iluminavam o campo branco de paz onde hoje vivia.

— Crianças, vamos entrar? O papai está nos esperando para jantar...



## CONTO SUFI CONTINENTE ASIÁTICO

O sufismo tem origem na região do Oriente Médio e seus ensinamentos são transmitidos normalmente através de contos. Para alguns autores, a palavra “sufi” é oriunda de “suf”, que significa “lã” em arabe. Seus primeiros praticantes vestiam-se com lã, como forma de demonstrar simplicidade.

**ELAINE RAMOS**

Tecelã Pro Arte

[@elaineromanos](https://www.instagram.com/elaineromanos)

FÁTIMA

Tecelagem manual e crochê

Fios de algodão e juta


20X27cm





*Leizu*






O vento leve trazia o frescor da tarde e a imperatriz Leizu cumpria o seu ritual. Todos os dias deliciava-se com uma xícara de chá, debaixo da frondosa amoreira que ornava um dos jardins do palácio. Era sua bebida preferida. Sentia-se plena e com a vitalidade renovada a cada gole, cuidadosamente programado em movimentos suaves e sagrados.

Para sua surpresa, ao terminar, notou algo diferente. Um pequeno novelo, amolecido pelo calor do chá, estava caído no fundo da xícara. Leizu tomou-o em suas mãos e percebeu que dele se desprendia um longo fio, com brilho e textura encantadores! Reluzia sob a luz do Sol, que já caía no horizonte, e escorregava entre os dedos como um fino e sedoso fio de cabelo.


Ao desenrolar todo o novelo, a imperatriz percebeu que na verdade tratava-se de um casulo. Logo notou que havia muitas mariposas que voavam e vários casulos pendurados entre as folhas da ancestral amoreira. Maravilhada com a descoberta, pôs-se a colhê-los, mergulhá-los no chá quente e desenrolá-los!



Em pouco tempo, o jardim estava coberto de fios! Brancos, cintilantes, macios, leves e resistentes. Leizu recolheu o seu achado e correu para o palácio, ansiosa por mostrá-lo ao seu marido, o Imperador Amarelo.

Carinhosa e habilidosa com as palavras, convenceu-o rapidamente de que os fios encontrados seriam perfeitos para fiar texturas nunca antes vistas na China. Confiante na intuição da sua esposa, o imperador convocou os melhores tecelões e ordenou que confeccionassem um tecido à altura do seu reinado. Após alguns dias, os tecelões voltaram com o trabalho pronto e, diante dos olhos admirados do rei, confirmaram que a rainha havia descoberto algo muito especial! Mesmo sendo dotado de uma inteligência incomum, realmente o Imperador Amarelo jamais conhecera tecido tão rico!


Percebendo o interesse do marido, não foi difícil para Leizu novamente convencê-lo a ir além. Desejava ganhar um bosque de amoreiras e criar as larvas que produziam o valioso casulo! E assim fez o rei. Empenhou-se para ensinar o seu povo a cultivar amoreiras e criar larvas.



A imperatriz chamou o novo tecido de seda. E as larvas, agora consideradas exímias fiandeiras, passaram a se chamar bichos-da-seda.

Tão logo as amoreiras cresceram e os casulos tornaram-se numerosos, o imperador ordenou que começassem a produzir a seda. Cada casulo possuía um único e longo fio que, ao ser cozido em água quente, se soltava e era enrolado em um delicado e raro carretel. Determinou também que ninguém poderia revelar tal segredo. Haveria de ser um dos segredos mais bem guardados de toda a China! Quem ousasse violá-lo teria como punição a pena de morte.


Sempre curiosa e entusiasmada, Leizu pediu mais ao imperador. Desejava agora que fabricassem teares especiais para tramarem o nobre tecido. Tudo feito de acordo com a sua vontade, a seda passou a ser usada para confeccionar as roupas dos soberanos. Tornou-se assim o objeto de desejo em toda a China e em várias regiões. Apenas os aristocratas podiam se dar ao luxo de usá-la, pois seu valor era altíssimo, muitas vezes comparado ao ouro!



O que nenhum deles suspeitava é que o tecido tão caro e tão precioso viesse da secreção de uma simples larva.

No entanto, o tempo passou. Leizu e o lendário Imperador Amarelo partiram, deixando um lindo vestuário para aqueles que os sucederam. Muitos reis e rainhas governaram a China e lutaram pela exclusividade da seda, condenando à morte os criminosos que traficassem ovos de mariposa ou sementes de amoreira. Mas como todos os enigmas e reinados, também o segredo e o domínio do bicho-da-seda encontrariam seu fim. Uma princesa chinesa cruzou a fronteira, ao casar-se com o rei do oásis de Khotan, levando as larvas camufladas em seus cabelos para o deserto na alta cordilheira. Sem muita demora, a origem da misteriosa trama seria desvendada.

Ao longo dos séculos, muitos correriam em busca do até então ignorado tesouro da natureza. Os astutos vizinhos japoneses rapidamente dominariam a técnica de fabricar os fios. O imperador Justiniano de Roma enviaria monges espiões a Khotan para descobrirem o grande segredo da China.



Os ovos e as sementes seriam carregados para o mercado de Constantinopla, escondidos dentro de cajados feitos de bambu. Chegariam à Grécia, à Síria, à Arábia, à Itália e à Espanha. Enfim, o rei da França, Henrique IV, levaria a arte de tecer o fio da seda ao conhecimento de todos os povos.

Leizu não poderia imaginar que naquela tarde, enquanto bebia uma simples xícara de chá, daria de presente ao mundo um dos mais antigos e lindos tecidos. E também um dos mais cruéis... Na lentidão dos seus movimentos, milhares de larvas passaram a ter sua transformação interrompida e deixaram de alçar voo nos bosques de amoreiras. Aprisionadas em cativeiros, perderam o direito de nascer e tiveram as suas cores desbotadas pela mão do homem.

Há mais de cinco mil anos, a liberdade e a dor se encontram entrelaçadas nos teares que produzem os finíssimos fios de Leizu. Indefesas e resignadas, mariposas brancas brilham radiantes nos desenhos da seda que nos conta a beleza contraditória da vida e o legado dos nossos ancestrais.

## MITOLOGIA CHINESA ÁSIA ORIENTAL

Não se sabe se o conto é real ou fantasia.  
No entanto, historiadores atestam que a China  
foi a primeira civilização a utilizar a seda.  
Acredita-se que o pensador e filósofo Confúcio  
ajudou a divulgar a ideia de que a seda foi descoberta  
pela imperatriz chinesa Hsi-Ling-Shi ou Leizu,  
no século XXVII a.C.

**ELMA COUTINHO**

Tecelã Pro Arte

[@elmacoutinho](https://www.instagram.com/elmacoutinho)

LEIZU

Tecelagem manual e bordado

Fios de seda e algodão

20X27 cm



# *A Jovem Tsuru*








Em terras distantes, um jovem camponês vivia em sua choupana, colhendo as verduras que plantava em solo já castigado. Um dia, enquanto fazia o seu trabalho pesado e pouco lucrativo, assustou-se com um grou branco e brilhante, que perdeu as forças em seu voo e caiu aos seus pés. A garça tinha uma das asas perfurada por uma flecha. Fraca e com fome, já estava quase morta.

Tomado pela compaixão, o homem acolheu o pássaro com cuidado. Retirou a flecha, limpou a ferida, deu-lhe água e alimento, pacientemente. Em poucos dias, a ave foi capaz de voar com suas asas brancas e imensas, cortando o azul do céu. Antes de partir, o belo grou sobrevoou a fazenda em círculos, demonstrando o seu profundo agradecimento àquele que havia salvado a sua vida.

Algum tempo depois, o camponês foi novamente surpreendido. Desta vez, era uma bela mulher que batia à sua porta. Nunca havia lhe visto antes, no entanto, pedia abrigo por uma noite. Dona de um sorriso gracioso e de extrema delicadeza, foi difícil ao homem negar-lhe acolhida.





Possuía um bom coração e não deixaria de dar abrigo a qualquer pessoa, ainda mais para uma jovem tão bela. Assim que entrou, a moça mostrou-se simpática e perceberam que tinham muitos pontos em comum. Conversaram por horas.

Não demorou muito para notarem que havia um brilho no olhar de ambos e, evidentemente, estavam apaixonados um pelo outro. Como se já soubesse o que o destino os reservava, a bela afirmou ao camponês que um dia seria sua esposa. Contudo, para ele, o destino não se desenhava tão fácil assim... Alegou que era muito pobre e que sua condição não permitiria que se casassem e tivessem uma vida digna. Mas para sua surpresa, a jovem não se importou e, otimista, disse que tinham arroz por um bom tempo! Sem pedir licença, começou a preparar o jantar e, repentinamente, começaram uma nova vida juntos.

Embora um pouco confuso, o camponês sentia-se feliz e agradecia pela sorte que batera em sua porta. No entanto, observava que os dias passavam e, misteriosamente, o saco de arroz não esvaziava.



A noiva era carinhosa, atenciosa e gostava de trabalhar. Mas a preocupação em manter a casa e o alimento para a esposa, não deixavam o pobre homem descansar em paz. Sabia o quanto era difícil sustentar somente a si próprio. Como sustentaria também uma esposa e os filhos que teriam? O arroz rendia, inexplicavelmente. Mas ainda assim, sabia que, um dia, ficariam sem alimento.

Ao perceber o sono agitado e a preocupação constante do noivo, a moça revelou-lhe que sabia produzir um tecido muito especial. Caso construísse um quarto para trabalhar, poderiam vender os tecidos e ganhariam o dinheiro de que precisavam. Entretanto, havia uma condição: ninguém poderia vê-la tecer, nem mesmo ele! Haveria de prometer que jamais a espiaria. Sem alternativa, o camponês aceitou a condição da mulher, providenciou um tear e construiu para ela uma pequena cabana nos fundos da casa. Combinaram que não se veriam até que ela terminasse o trabalho.

Os dias passavam lentos e o rapaz ouvia o som do tear batendo. Sentia muita saudade de estar com a sua amada, mas cumpria a promessa.





Jamais se aproximava da cabana para ver o que fazia. Depois de três dias, a jovem saiu, visivelmente cansada, com um lindo tecido nas mãos! Era fino, leve, com desenhos exóticos, brilhante e muito macio. Disse que aquele tecido se chamava “mil penas de tsuru” e entregou-lhe com um sorriso nos lábios e os olhos apaixonados.

Ao amanhecer, ele levou o tecido para a cidade e todos os comerciantes ficaram surpresos! Onde havia conseguido trabalho tão delicado e valioso? Todos queriam comprá-lo e lhe ofereciam moedas de ouro. Sem caber em si de tão contente, voltou correndo para casa e, ainda sem acreditar, disse à esposa que a sorte estava mesmo ao seu lado! Haviam de se casar, ter muitos filhos e viveriam felizes por muitos anos!

Passados alguns meses, de fato, casaram-se. O camponês parou de plantar e a jovem artesã, com suas mãos habilidosas, passou a prover o sustento da casa. Tecia dias a fio e se superava a cada novo trabalho. Um mais lindo do que o outro, os tecidos rendiam-lhes muitas moedas de ouro!





Mal chegavam ao mercado, eram todos vendidos e os mercadores pediam mais. Porém, quando tudo parecia resolvido, a sorte ameaçou abandoná-los...

O tear exigia muito esforço da moça tão delicada. Com o tempo, seu corpo frágil emagrecia e mostrava-se cada vez mais cansada. Uma noite, disse ao marido que não podia mais tecer, doíam-lhe os braços e as pernas, sentia-se muito fraca. Embora a amasse muito e acreditasse em suas palavras, ele tentou convencê-la de que não podia parar, pois seus pensamentos tinham sido tomados pela ambição. Havia gastado mais do que poderia e tinha muitas dívidas a pagar. Sem coragem de negar o seu pedido, a esposa prometeu que iria tecer novamente. Como de costume, ficaria trancada na cabana por três dias.

Mas desta vez, terminado o terceiro dia, o camponês estranhou. A bela moça não saiu da cabana... Passaram-se mais três dias e nem sinal dela. Nada se ouvia. Desesperado e já arrependido de ter insistido para que ela voltasse a trabalhar, quebrou o juramento.





Aproximou-se da pequena porta da cabana e espiou entre as ripas de madeira. Com dor no coração, percebeu que quem estava no tear era uma garça e não a sua graciosa esposa. Corroendo-se de culpa, o homem se perguntava: “O que teria acontecido com a mulher que tanto amava?”. Tomado por seu desatino, distraiu-se e encostou na porta, chamando a atenção do lindo pássaro. Quando os seus olhos se cruzaram, logo percebeu que se tratava da sua esposa transformada em garça. A mesma que ele havia salvado um dia, com um ferimento em uma das asas. Diante dele, a ave transformou-se em mulher e com as mãos trêmulas entregou-lhe o último tecido.

Com a voz triste e sem vida, a jovem Tsuru disse a ele que não poderia mais ficar, pois o seu segredo havia sido revelado. Tornou-se sua esposa para retribuir o bem que ele lhe fizera, mas agora deixaria o seu trabalho como lembrança e sinal do seu mais puro sentimento. Dito isso, abriu suas longas asas e voou até sumir no infinito... A imagem do seu voo se refletiu nos olhos amargurados do camponês, que transbordaram de lágrimas e saudades.



## MITOLOGIA JAPONESA LESTE DA ÁSIA

Considerado sagrado, o tsuru ou grou é uma das aves mais apreciadas na cultura asiática e inspira muitos contos.

Segundo o mito, um tsuru pode viver até mil anos, simbolizando longevidade, sorte, fortuna e felicidade.

Por serem monogâmicas, também personificam o amor conjugal e a fidelidade.

**LUCIA WERNECK**

Artista convidada

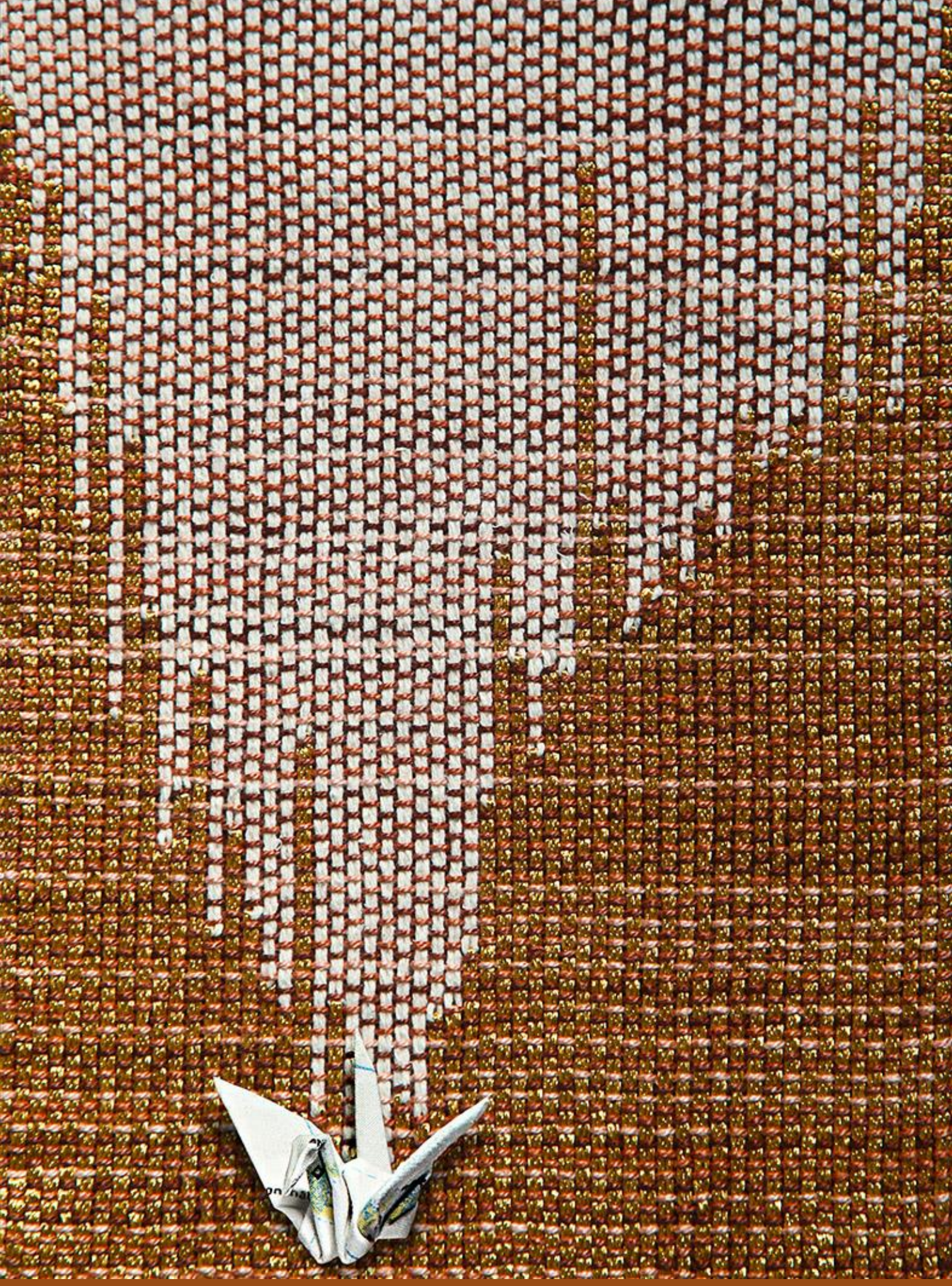
[@lucia.nset](https://www.instagram.com/lucia.nset)

A JOVEM TSURU

Tecelagem manual e origami

Fios de algodão, poliéster, seda de celulose, tecido e papel

20X27 cm







*Deusa Uttu*



Entre os rios Tigre e Eufrates, vivia o deus da água e da palavra. Com discurso sedutor e malicioso, Enki encantou muitas deusas, casou-se com várias delas e teve dezenas de filhos e filhas. Era conhecido por ser capaz de convencer qualquer mulher a ceder aos seus desejos e caprichos. Assim havia acontecido com Ninkurra, a deusa da montanha, mãe de Uttu. No entanto, dentre tantas outras filhas, Uttu era diferente. Não cedia tão facilmente às palavras de Enki, pois carregava no sangue a sabedoria da bisavó Ninhursag, a deusa mãe, protetora da terra e da fertilidade. Trazia em si o dom da criatividade e da liberdade de decidir sobre a sua própria vida.

Desde menina, Uttu aprendera a transformar a lã em fio e o fio em bonitas texturas. Por isso, ganhara este nome, que significava “tecido”. Nenhuma outra mulher dominava o conhecimento de tal arte. Muitas vezes era chamada de deusa aranha, por sua habilidade ao criar as tramas. Outras vezes, eram atribuídas a ela as nuvens que se desmanchavam em véu, ao amanhecer, e deslizavam pelas montanhas, transformando-se em tapete de bruma que sai da terra.





Alguns acreditavam que a sua arte era magia e que possuía o poder de tecer também o destino dos deuses.

Uttu cresceu e transformou-se em mulher. Já adulta, percebia a falácia e as mentiras contadas por seu pai para conquistar todas as donzelas que viviam ao seu redor. Um dia, ao acordar, e ouvir lamentações das pobres moças iludidas e o choro dos bebês em seus braços, revoltou-se com a submissão feminina. Desejava compartilhar toda a sabedoria que aprendera com a sua bisavó. Não suportava mais vê-las andando nuas pelo mundo com seus filhos desamparados. Durante o dia, queimavam-se ao Sol. À noite, tremiam de frio. Muitas crianças morriam.

Decidida a protegê-las, falou com o pai sobre sua indignação. Rindo com desdém, Enki permitiu que a filha partisse para realizar o sonho impossível que alimentava. Não acreditava que mulheres pudessem aprender a fiar e tecer, pois as considerava estúpidas. Ainda mais revoltada com o desprezo do pai, Uttu iniciou a sua viagem e percorreu as planícies de norte a sul, à procura daquelas que estivessem dispostas a ouvir o que tinha a dizer.





No entanto, para sua surpresa, encontrou mulheres muito diferentes dela própria e percebeu que a sua missão não seria tão fácil quanto pensava.

Encontrou mulheres que não quiseram deixar de lado seus tambores e flautas para aprenderem a fiar, gostavam de cantar e dançar e preferiam viver divertindo-se. Em outro povoado, encontrou algumas que não tinham mais a lembrança de quem eram, pois o sofrimento e o Sol impiedoso das secas haviam afetado as suas memórias. Também conheceu mulheres ferozes, que arrancavam os próprios seios, pois precisavam estar preparadas para as caçadas constantes. Achavam o tear uma atividade muito vagarosa. E ainda outras que não tinham língua, pois os homens a roubaram, e não sabiam responder por conta própria.

Resolveu então seguir para a cidade de Ur, o ventre do mundo. Chegando lá, mostrava-se pouco animada e decidiu que ali seria a sua última tentativa. Caso não encontrasse quem a ouvisse, voltaria para casa e se renderia ao mundo masculino





Mas antes que houvesse tempo de desistir, o destino a colocou no caminho de Enheduana. Quando seus olhares se cruzaram, perceberam que o fio da vida as ligaria para sempre. Disposta a aprender, sagaz e questionadora como Uttu, Enheduana prontamente confiou e entregou-se em suas mãos.

Uttu colocou-a em seu colo, a envolveu com os seus braços e conduziu as suas mãos sobre o fuso. Os seus movimentos leves e delicados, acompanhados do girar do fuso, fizeram Enheduana adormecer. Enquanto dormia, continuava a fiar sem ter consciência do seu trabalho. O fuso azul girava como uma enorme bola flutuando no céu e dele saíam fios dourados feitos da luz do Sol. Uttu sentia a felicidade de compartilhar seus conhecimentos com Enheduana e respirava a beleza do universo feminino que se iluminava ao seu redor.

Ao terminarem, perceberam que as filhas de Enheduana haviam se aproximado e encantavam-se com a maravilha que sua mãe havia produzido.





Queriam aprender também. Enfim, Uttu começava a ver o seu sonho realizado. Um mundo feito por mulheres que se alimentariam não somente da arte de fiar, mas de todas as outras fontes criativas de que eram capazes, como a cerâmica e o bronze. Tocariam música e beberiam vinho. Não morreriam mais de calor ou de frio. Teriam seus corpos protegidos e não deixariam mais que a sua inteligência se apagasse.

Uttu passou a ensinar a costura, a confecção de roupas e adornos, colares, cordões e brincos. Também dominava a magia das tranças e ensinou as mulheres a trançarem os cabelos umas das outras. Evocando as forças dos deuses, as tranças ficavam impregnadas de significado e energias mágicas. Mulheres doentes trançavam os cabelos com a energia da cura. As noivas trançavam os cabelos com a energia do amor. Mulheres guerreiras levavam a energia da coragem em suas tranças. Até mesmo a massa do pão passou a receber tranças carregadas da energia sagrada. Enquanto trançavam, cantavam. A terra dos reis civilizados nunca mais seria a mesma depois de Uttu.





Tempos depois, Enheduana, inspirada por seu exemplo, aprendeu a arte das letras e foi eleita alta sacerdotisa da cidade. Tornou-se filósofa e foi a primeira mulher do mundo a escrever textos, poesias e hinos. Depois da sua morte, muitas mulheres seguiram seu caminho, tornando-se escribas reveladoras da importância e do papel feminino na sociedade.

Escondida entre as estrelas e recostada na Lua, a deusa Uttu continua a admirar e a proteger todas as humanas, compartilhando o seu dom criativo e escolhendo os fios que formarão as tramas e as texturas das meninas. Cabe a cada uma cuidar dos acabamentos e decidir de que forma usará o seu tecido. Se o carregará enrolado em suas costas, como um fardo, ou se o enrolará em seu corpo e desfrutará da força de ser mulher.



## MITOLOGIA SUMÉRIA ÁSIA OCIDENTAL

A civilização suméria é natural do sul da Mesopotâmia, atualmente Iraque e Kuwait.

Destacou-se em várias áreas: organização política, arquitetura, agricultura e comércio.

Dentre várias invenções dos sumérios, ainda presentes nos dias atuais, estão: o calendário, a escrita e os livros.

**MARINETTE F. GLÓRIA**

Tecelã Pro Arte

[@marinettegloria](https://www.instagram.com/marinettegloria)

DEUSA UTTU

Tecelagem manual, bordado e crochê

Fios de algodão, poliéster e juta

20X27 cm





## *Agradecimentos*

A trama de amizade e confiança que fez o projeto chegar ao mundo.

Lucia Werneck pela parceria na criação e desenvolvimento do projeto.

Flávia Savary pelo incentivo e apresentar a Ana Maria.

Ana Maria de Andrade pelo carinho e por dar vida nova a esses contos maravilhosos.

Cristina Villaça pela apresentação e ajuda na revisão final, que alegria e honra.

Michelle Delgado e Dr. Jorge Bragança do Centro Cultural FESO Pro Arte por todo apoio e suporte na realização do projeto.

Elaine Ramos pela parceria de sempre.

Elma Coutinho, Leila Borges, Paula Gama, Marilia D'Albuquerque, Marinette Glória por acreditar e participar.

Dora Assumpção, nossa homenageada, e todas as alunas do Atelier de tecelagem do CCFPA por estarmos juntas nessa caminhada.

Maria Cecília F. de Paula, Rossana Cilento e Alexandre Heberte pelo carinho em participar com suas belas tramas. Roberto Renner e Yug Werneck por darem forma na união de textos e têxteis.

Estela de Andrade por fazer parte da revisão, com seu olhar jornalístico.

Solange Bastos pelo apoio e texto de divulgação.

Todas amadas(os) que nos cercam e participaram com seu carinho, ombro, ideias...

Gratidão!

*Silviane Lopes*

Silviane Lopes é tecelã e Agente Cultural. Pesquisadora de Tecelagem Tradicional e Arte Têxtil Contemporânea, atua também como curadora na realização de exposições, residências artísticas, núcleos de pesquisa e criação. Desenvolve projetos para o SESC RJ, Prefeitura Municipal de Teresópolis e na UNIFESO. Professora de tecelagem manual no Centro Cultural FESO Pro Arte [Tecelãs ProArte](#) e no Atelier Têxtil Teresópolis [@tecelagem\\_atelier](#)

Este livro foi produzido em formato e-book

Teresópolis – RJ

Inverno 2021

"Contos em fios reúne doze narrativas míticas recontadas com a delicadeza e a maestria de quem sabe que os textos literários são urdidos não só com palavras, mas também com sorrisos e lágrimas. Entrelaçadas a elas, doze telas igualmente sensíveis e delicadas, fruto de quem reconhece que a verdadeira sofisticação está na simplicidade. Apreciar este trabalho é viajar a bordo de um tecido mágico composto por palavras e fios, como o tapete voador dos contos das mil e uma noites. Percorrer suas tramas é deslizar no tempo e no espaço. É passear por outras culturas e, simultaneamente, penetrar em um planeta mais que íntimo, o próprio eu."

Cristina Villaça

